

Começo por agradecer a presença do

Grão Mestre da GLLP/GLRP, Sr. Dr. Paulo F. Rola,

Antigos Grão Mestres da GLLP/GLRP, Sr. Dr. Armindo Azevedo, Dr. Julio Meirinhos Santana, Prof. Dr. Alberto Trovão do Rosário, Prof. Dr. José Manuel Anes, Arq. José Manuel Pereira da Silva,

Do Grão Mestre do Grande Oriente Lusitano, Sr. Dr. Fernando Cabecinha,

Da Grã-Mestre da Grande Loja Feminina de Portugal, Sr.^a Dr.^a Anabela Martins Valente,

Da Past Grã Mestre, da GLFP, Sr.^a Dr.^a Odete Isabel,

Do Soberano Grande Comendador do Supremo Conselho dos Grandes Inspectores Gerais do 33.º Grau do REAA para Portugal e sua Jurisdição, Sr. Prof. Dr. João Alves Dias,

Da Grande Chanceler, Sr.^a Dr.^a Monique Esteves, em Representante da Soberana Grande Comendadora do Supremo Conselho Feminino de Portugal, S.^a Dr.^a Maria Emília Cascaes,

Representantes dos Corpos Rituais,

Membros do Sacro Colégio, SSGGIIGG, GG.II.LL. e Presidentes dos Corpos Subordinados, do Supremo Conselho par Portugal.

Senhoras e Senhores Convidados,

Reunimo-nos hoje com a informalidade que este acto solene permite para marcar o início dos trabalhos da Academia de Estudos Maçónicos do Supremo Conselho para Portugal.

Ainda que pomposo na aparência, este momento reveste-se, na realidade, da singeleza que caracterizou o surgimento das academias setecentistas, resultantes da necessidade de “perceber as articulações entre a institucionalidade do saber e as realidades do poder que o enquadravam”¹.

Realidades e estruturas de poder e de saber que, no universo católico, se tinham organizado a partir das directrizes emanadas de Trento em 1564.

A primeira metade do século XVII fora marcada pelo desejo das elites urbanas (burguesia e nobreza) de aceder ao conhecimento e diversificar o seu

¹ - António Camões Gouveia, Estratégias de interiorização da disciplina”, in *História de Portugal: O Antigo Regime (1620-1807)*, dir. José Mattoso, Quarto Volume, Lisboa: Círculo de Leitores, 1993, p.420.

conteúdo. Estas elites aspiravam a um modo de divulgação de conhecimento que imitasse o academismo italiano, ao mesmo tempo que desejam criar novos espaços de comunicação académica.

De facto, as primeiras reuniões de amigos das *Belles Lettres* inspiravam-se nas academias que durante o Renascimento haviam florescido em Itália, com destaque para Florença, onde, ainda durante o século XV, tinha sido criada uma Academia de inspiração platónica, com a protecção de Cosimo de Medici, il Vecchio, de seu filho Pietro, il Gottoso e de Lorenzo, il Magnifico.

Academia que, surgindo tanto da tradição local das confrarias laicas e dos círculos literários do *Quattrocento* como da influência da Academia que funcionava anexa à Universidade de Pádua, por elitista, deixava de fora muitas famílias da média burguesia.

Foi para dar “uma segunda oportunidade aos comerciantes que não tinham acesso à cultura clássica²” que um grupo de jovens comerciantes florentinos fundou, em Novembro de 1540 e sob a égide ducal, *L’Accademia degli Humidi* consagrada à poesia, à filosofia e mais tarde às ciências.

No ano seguinte adoptaria o nome de *Accademia Fiorentina*, acompanhando a sua história as vicissitudes da Família Medici. Exemplo da sua vitalidade é a publicação do *Decameron* de Boccaccio, fundamento da língua toscana e base do italiano moderno, apesar das reticências e oposição das autoridades religiosas.

É este ambiente cultural que Francisco I vai encontrar na sua incursão italiana, a partir da qual se tornou um adepto fervoroso do Humanismo italiano e o grande impulsionador do Renascimento em França. Fundador do Collège Royal, futuro Collège de France, despertou nas elites francesas o grande interesse pelo conhecimento, fazendo dele um dos instrumentos da centralização do poder.

Na França do século XVII, a criação das academias fez parte de um movimento de regulamentação da vida cultural e artística, desejado pela monarquia absoluta que pretendia reunir os mais notáveis estudiosos, cientistas e criadores, estabelecendo uma ligação entre o conhecimento e o poder, um diálogo entre os académicos e o poder real que se manteria até à Revolução.

Movimento que apenas pode ser compreendido pelo ambiente criado a partir de Francisco I e que despertara na burguesia comercial e na nobreza de corte

² - Michel Plaisance, *L’Accademia e il suo Principe. Cultura e politica a Firenze al tempo di Cosimo I e di Francesco de’Medici. L’Académie et le Prince. Culture et politique à Florence au temps de Côme I^{er} et de François de Médicis*, Mandiana: Vecchiarelli Editore, 2004, p. 54.

um desejo, tornado moda, de aceder ao conhecimento nos moldes das academias italianas.

Entre as primeiras academias, algumas limitavam-se a divulgar o conhecimento estabelecido, enquanto outras favoreciam os esforços de investigação e reuniam académicos que desejavam fazer avançar o conhecimento, como Descartes e Pascal.

É certo que, secretamente, já, em 1570, reunia a *Académie de musique et de poésie* que, em 1574, adoptaria o nome de *Académie du palais*, no âmbito do universo calvinista.

Richelieu rapidamente se apercebeu das suas virtualidades para apoio da política de consolidação do poder régio e da necessidade de controlar as discussões que nelas se realizavam.

A primeira a surgir, sob a influência do cardeal, com o claro objectivo de servir de instrumento régio para um maior controlo do país, foi a Academia Francesa, em 1635. Resultou da institucionalização das reuniões literárias que se realizavam já, desde 1629, em casa de Valentin Conrart, Secretário de Luís XIII e tornar-se-á na principal garante da beleza da Língua francesa, enquanto instrumento unificador da monarquia absoluta. Para além de embelezar a Língua francesa, devia “la nettoyer des ordures qu'elle a contractées ou dans la bouche du peuple, ou dans la foule du Palais et dans les impuretés de la chicane, ou par les mauvais usages des courtisans ignorants³». Da sua actividade resultou a publicação do primeiro *Dictionnaire de l'Académie française*, em 1694.

Rapidamente outras se lhe seguiram abrangendo todas as áreas do conhecimento, por influência de Colbert.

Pouco a pouco, com maior incidência no século XVIII, as academias provinciais vão surgir um pouco por todo o lado.

Primeiro nas cidades do Sul, como em Arles e Toulouse, gerando um ambiente que poderíamos designar como pré-enciclopédico, pelo carácter científico que desempenham.

Diferente, como diferente foi a evolução política, foi a aparição das academias no Reino Unido. O livre pensamento e a autonomia individual perante o poder régio exerceram uma oposição de tal forma exacerbada que, nenhuma das muitas sugestões para a constituição de academias, idênticas às italianas e francesas, obteve o mínimo êxito.

³ - Pellisson & D'Olivet, *Histoire de l'Académie française*, éd. par Ch.-L. Livet, Paris, Didier, 1858, p. 23.

Exceptua-se, naturalmente, a Royal Society que podemos enquadrar no âmbito das Academias e que a si própria se define como a mais antiga academia científica em existência contínua.

Não deixa de ser um interessante paradoxo constatar que, no país onde o Iluminismo dera os primeiros passos com Thomas Hobbes e John Locke, acabasse por haver dificuldades acrescidas na constituição das Academias que, de alguma forma caracterizam essa época histórica.

Portugal, apesar de isolado neste extremo ocidental europeu e virado para o Atlântico, não deixava de receber as influências iluministas que varriam a Europa a partir de Paris. Embora, aliado preferencial de Inglaterra, com a qual estabeleceu as mais próximas relações políticas, económicas e militares, dando origem ao que se revelaria uma insidiosa dependência da pérfida Albion, era em França que encontrava o modelo a seguir para a política de um crescente centralismo de poder que se pretendia o mais absoluto possível.

E, com as ideias políticas, vinham as que se manifestavam nos diversos movimentos culturais. A relação de amor-ódio que se estabeleceu no final de seiscentos com os “estrangeirados garantiu que em Portugal se reproduzissem as academias segundo o modelo francês que, entretanto, haviam espalhado até aos confins da Rússia com a Academia das Ciências de S. Petersburgo criada em 1724.

D. Luís da Cunha e Ribeiro Sanches são exemplos do borbulhar que se verificava no cadinho cultural deste Portugal de setecentos e que, a partir de 1759 e até 1772, com o Marquês de Pombal conduziu à expulsão dos Jesuítas, à fundação do Real Colégio dos Nobres e à reforma dos Estudos Menores e da Universidade d Coimbra.

As elites portuguesas estavam receptivas e prontas para receber as novas ideias, como fica evidente pela discussão e contra-argumentação em resultado do racionalismo e reforma enciclopédica desenhados no *Verdadeiro Método de Estudar*⁴ de Luís António Verney, em 1746.

Foi neste contexto que D. Francisco Xavier de Meneses, 4.º Conde da Ericeira fundou no seu palácio, em 1717, a Academia Portuguesa onde os debates sobre temas literários alternavam com os que abordavam Filosofia, Matemática e Física. O Conde da Ericeira fora frequentador e presidente da Academia dos Generosos que funcionou em Lisboa de 1647 a 1667 dedicada

⁴ - Luís António Verney, (1713-1792) *Verdadeiro método de estudar: para ser útil à Republica e à Igreja : proporcionado ao estilo e necessidade de Portugal / Exposto em várias cartas, escritas polo R. P. Barbadinho da Congregasam de Italia, ao R. P. Doutor na Universidade de Coimbra*; Tomo primeiro e segundo, Valensa [Nápoles]: na oficina de Antonio Balle [Genaro e Vincenzo Muzio], 1746. - 2 vol.

quase exclusivamente ao debate sobre temas literários, como o haviam sido a Academia Bracaraense fundada na segunda metade do século XVI⁵ por Frei Bartolomeu dos Mártires e que funcionava como academia eclesiástica e casa de ensino religioso e as eborenses Academia Sertória, Academia dos Ambientes e Academia Eborense, sob a protecção cultural do mecenas eborense Manuel Severim de Faria, chantre da Sé de Évora, fazendo lembrar a *Corte na Aldeia*⁶ de Francisco Manuel de Melo⁷.

Será, no entanto, com D. João V que este movimento assumirá a verdadeira dimensão que o Estado lhe pretendia atribuir, enquanto instrumento da política centralizadora do poder. A criação, em 1720 de uma Academia Real com o objectivo de “recriar a História de Portugal, eclesiástica e civil, dentro de um ponto de vista erudito e monumental”⁸ enquadra-se claramente neste objectivo, também perseguido pelo abade Correia da Serra e pelo duque de Lafões ao proporem, à rainha, “a criação e o patrocínio de uma Academia das Ciências dividida em duas classes, a de Letras e a de Ciências. Nos dois casos, a proximidade do Poder e a aristocratização dos seus membros e dos saberes divulgados ou recuperados andam em paralelo”.⁹

Ao apresentarmos hoje esta Academia, não deixamos de nos rever no carácter enciclopédico que presidiu ao aparecimento das que nos precederam. Profanas ou de inspiração maçónica. Entendemo-lo, no entanto, dentro do espírito universalista actual, sem esquecer a máxima de Publius Terentius: *Sou um Homem, nada do que é humano me é estranho*.

Por isso a pretendemos aberta à investigação e divulgação dos saberes que, no espírito de Terêncio, digam respeito à Maçonaria, sem distinções de género ou de religião, aberta a iniciados e a profanos.

Obviamente sem esquecer os propósitos iniciais que nos levaram a tal criação e que em síntese passo a enunciar:

Promover, coordenar e divulgar o conhecimento científico e simbólico do R.E. A.A.

⁵ - Elze Maria Vonk MATIAS, *As academias literárias portuguesas dos séculos XVII e XVIII*, dissertação de Doutoramento, Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1988. p. 258, nota 1.

⁶ - Francisco Rodrigues Lobo, (1580-1622) *Côrte na aldeia e noites de inverno*, Lisboa: por Antonio Alvarez Impr. DelRey, 1619.

⁷ - Elze Maria Vonk MATIAS, *op. cit.* p. 200. O academismo eborense manter-se-á durante o século XVIII como se percebe pela referência à Academia Retórico-Poética da Universidade de Évora que a *Gazeta de Lisboa* indica estar a funcionar entre Agosto e Outubro de 1741.

⁸ - António Camões Gouveia, *op. cit.* p. 444.

⁹ - *Ibid.*

- Assegurar a conservação do património cultural relacionado com os Altos Graus da Maçonaria Filosófica;
- Defender a tradição e os ensinamentos do Rito Escocês Antigo e Aceite;
- Promover a investigação em diferentes domínios e o ensino nos Corpos Subordinados do Supremo Conselho;
- Colaborar e participar em programas de pesquisa desenvolvidos por organizações públicas e ou privadas sobre temas de interesse maçónico;
- Difundir o pensamento maçónico na sociedade civil;
- Integrar o conhecimento científico na reflexão sobre a maçonaria em geral;
- Partilhar documentação científica e de ensino sobre maçonaria com instituições e entidades públicas e privadas

Obrigado pela vossa paciência em me ouvir.

Passaria agora a palavra ao Presidente do Conselho Coordenador da Academia, o Prof. Dr. João Piçarra